

COMIDA MAIS CARA

Ontem ainda não tinha chegado a Brasília. Mas no Rio, apesar de as grandes redes de supermercados terem avisado que não vão aceitar aumentos injustificados nos preços cobrados pelas indústrias, os comerciantes e supermercados começaram a receber tabelas dos fornecedores com reajustes de até 21% em produtos alimentícios como frango, café, farinha de trigo, queijo, carne bovina e óleo de soja.

Em 1994, o frango transformou-se no símbolo da estabilidade econômica proporcionada pelo Plano Real. Os preços baixaram e as vendas se multiplicaram, tornando o frango o alimento mais popular do país. Entre 1994 e 1995, o consumo cresceu 24,4%.

Diante da pressão atacadista, os negócios com aqueles produtos ficaram praticamente paralisados ontem na Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio. O presidente da instituição, José de Sousa, denunciou: a alta do frango e da carne de boi é especulativa.

O governo afirma que está trabalhando para evitar que a desvalorização do real provoque uma inflação preventiva. O porta-voz da Presidência da República, Sérgio Amaral, disse que o consumidor terá que voltar a fazer pesquisa de preços e que cabe à sociedade e aos empresários não aceitar aumentos abusivos.

Os supermercados e varejistas que operam na Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio começaram a resistir aos fornecedores que reajustaram seus preços. Representantes das indústrias que chegaram com novas tabelas, ontem, não fecharam negócios. Mesmo com o consumo em baixa, os frigoríficos mudaram a cotação do traseiro (corte de carne de primeira) de R\$ 2,50 para R\$ 2,65 e R\$ 2,70; os fornecedores de frango subiram o preço de R\$ 1,10 para R\$ 1,30, mas não tiveram compradores.

Em São Paulo, quem aumenta

preço alega que está apenas repassando parte da elevação de custos já ocorrida. Ontem, o boi gordo chegou a ser vendido a R\$ 31 por arroba, em negócios com 30 dias para pagamento na praça de Presidente Prudente (no interior de São Paulo). Desde o último dia 12, véspera da mudança na política cambial, o boi gordo já ficou cerca de 7% mais caro. Nas granjas paulistas, o quilo do frango vivo foi vendido a R\$ 0,70, contra R\$ 0,60 na sexta-feira — uma alta de 16,6%.

ABUSO

“É pura emoção de mercado. Vamos negociar e já avisamos que não aceitaremos aumentos abusivos. Essa é uma briga que tem hora para começar, mas não tem para acabar”, diz Omar Assaf, presidente da Associação Paulista de Supermercados (Apas). Segundo fontes do setor, os pecuaristas estão retendo o gado no pasto para forçar a alta. A oferta caiu em todas as praças de boi gordo do país.

“Até o final desta semana, a queda no ritmo dos abates vai chegar a 50%. Com isso, a tendência dos preços é explodir e chegar a R\$ 35 a arroba até o final desta semana”, afirma Antonio Berttasso, do Prudênfrigo, de Presidente Prudente.

Surpreso com as rapidez das mudanças das tabelas, o presidente da Bolsa de Gêneros do Rio diz que o momento não é para grandes negócios. Admitiu que os reajustes das massas serão inevitáveis, porque têm como insumo básico o trigo, que é importado. Do consumo de oito milhões de toneladas de trigo previsto para este ano, o país importará cerca de 5,5 milhões, a maior parte de Argentina e Canadá. Ainda assim, o presidente da Bolsa acredita que os aumentos ocorrerão aos poucos, porque os supermercados enfrentam queda de 5% nas vendas sobre janeiro de 1998.



Arte: Kácio